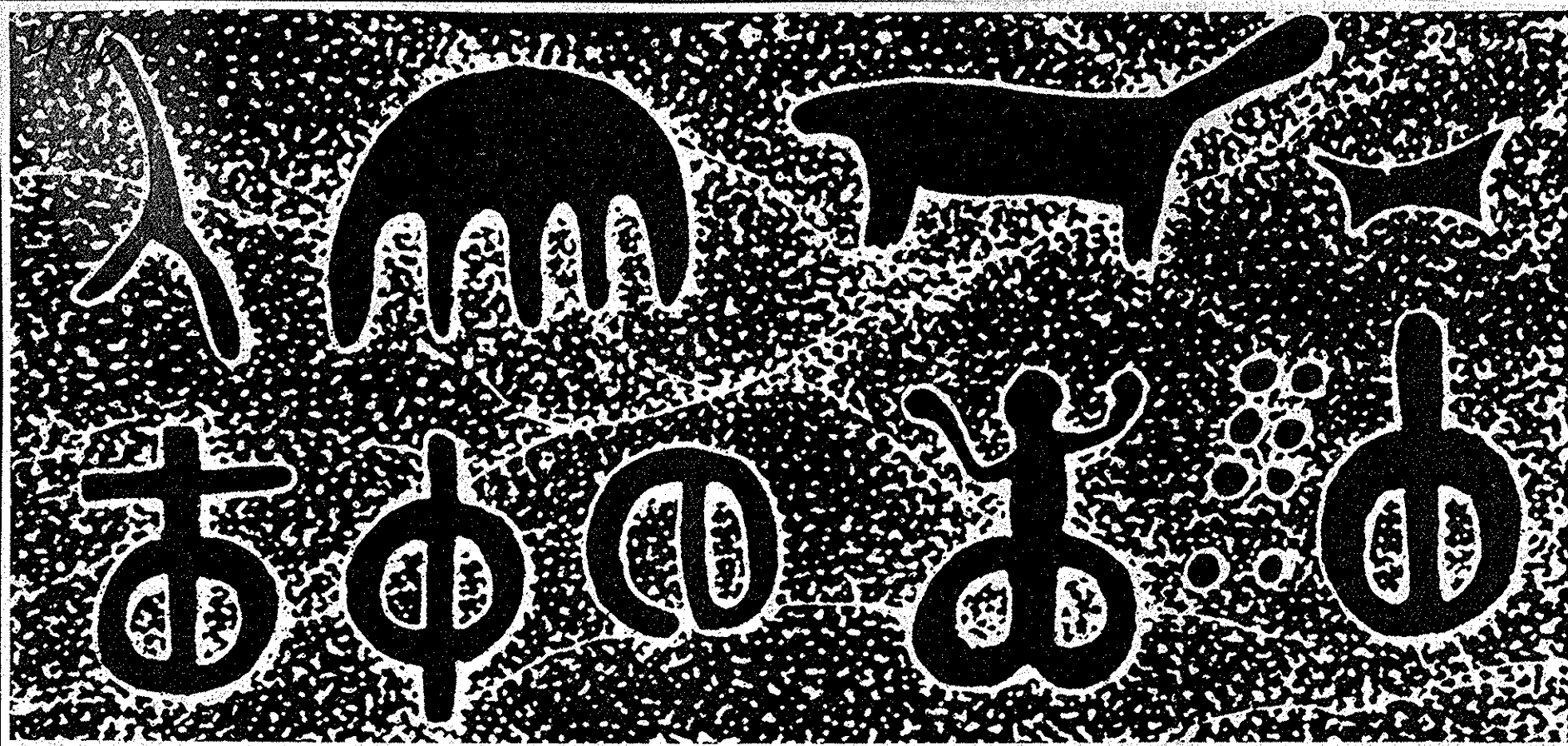


Povos Indígenas no Brasil

Fonte Última Hora (D.F.) Class.: 150

Data 17 de abril de 1985 Pg.: _____



«somos todos índios da mesma tribo»

ROSALVA NUNES

Somos índios todos nós. De uma perdição e imensa tribo, dividindo a beleza da mesma luz, os raios do mesmo sol, o chão machucado do mesmo planeta. Índios, terráqueos, irmãos. Esquecidos todos nós, peles vermelhas, brancas, negras, amarelas, presos nas florestas ou em apartamentos, a natureza como uma lembrança de algo já vivido, já possuído. Nosso grito de guerra, mais fraco que ontem, ainda ecoa na comunicação dos tambores. Sonhamos ainda com a grande e fraterna utopia na qual sempre valerá a pena apostar.

Dentro da proposta de resistência, alguns vão mais fundo, como Bené Fonteles, poeta, artista plástico, animador cultural, que lança hoje à noite (21 horas), na Sala Funarte, o cartaz poético **«Somos Todos Índios da Mesma Tribo»** feito em convênio com a Universidade Federal de Mato Grosso. Acompanhando o lançamento, ele mostra um audiovisual, **«Todo o Dia é Dia de Índio»**, no qual a música de Jorge Ben serve de fundo a imagens distorcidas e fragmentadas do universo indígena. Um trabalho artesanal, pois cada imagem foi montada cuidadosamente a partir dos fotolitos de um cartaz já feito por Bené. Os fragmentos, a princípio abstratos, vão tomando forma para revelar, no final, rostos de um mundo em luta pela preservação de seus próprios valores.

O índio sempre foi uma preocupação fundamental na vida e na arte do paraense Bené Fonteles. "Final - conta ele - nasci na beira de um rio onde, do outro lado, havia uma tribo". Mais tarde, ele estaria em Fortaleza, onde iniciou seu trabalho como artista plástico. Um trabalho experimental, seguindo várias tendências e nenhuma em particular. Uma arte/ sentimento, de pés plantados na terra e uma intuição pressentindo ruídos de mato, espíritos, objetos, seres habitantes de um universo natural e ainda puro. Arte, para ele, "é o que é, história dos seres em sua essência, sobrevivência e luta de uma espécie para preservar sua identidade mágica e cultural. Como poderíamos sentir no homem pré-histórico de Altamira (Espanha), Lascaux (França) e mesmo nos sítios arqueológicos encontrados recentemente no Piauí".

Do começo em Fortaleza até a mudança para Cuiabá, há três anos, Bené tem idas e vindas e exposições pelo Brasil

inteiro e várias partes do mundo, como Estados Unidos, Holanda, Itália, El Salvador, México, Portugal e Inglaterra. Versátil, lançou em 1983 um Lp independente chamado **Benedito**, no qual a simplicidade do nome escondia, como em uma caixa mágica, composições bonitas cheirando a terra, de um jeito bem transcendental, quase uma comunhão mística de amigos como Lufs Gonzaga, Luli e Lucina, Tetê Espíndola, Egberto Gismonti, Belchior, Gilberto Gil e outros, embalada pelos sons de ocarinas, sinos zen-budistas, pau-de-chuva dos índios xinguanos, flauta de bambu feita pelos índios cordeiro, ao lado de instrumentos tradicionais. O disco, de tiragem limitada, começa a arte pela capa. Nela, as luas feitas pela artista Diva Elena Buss são diferentes, personalizando cada exemplar.

A ARTE COMO EMOÇÃO MAIOR

Atuando profissionalmente desde 1971, já há tempos Bené pôs de lado a ideia de arte como satisfação do ego ou meio de sobrevivência. "Quero mostrar que tudo é arte. Que a arte profissional vai morrer e que em seu lugar vai surgir uma arte anônima, popular, bruta, comunitária, arte que renascerá no meio de pequenas guerras interiores e exteriores que os donos do poder estão semeando pelo planeta, para justificar uma economia armamentista. Uma arte de resistência, de consciência participativa, fora de museus e galerias. Serão as cavernas revividas em pleno espaço urbano, deflagrando o evento da nova era".

Em Cuiabá, Bené vem realizando, junto com a Universidade Federal de Mato Grosso, um trabalho de animação cultural que visa levar a arte à comunidade. Dentro desse espírito foram realizados projetos como **O Artista Vê a Cidade**, uma série de exposições simultâneas de vários artistas em pontos diversos de Cuiabá, e a arte postal, que consistiu em enviar a vários países um cartaz em branco pedindo contribuições artísticas. Vieram respostas da Itália, da Bélgica, do Japão, com os espaços sendo ocupados por cores e idéias mostradas; posteriormente, em uma exposição que deverá ser trazida a Brasília. Também para cá, Bené pretende trazer suas esculturas em pedra, com as quais diz ter uma relação muito especial: "Cada pedra, para mim, é um elemento vivo da natureza, tem um significado único e uma vibração particular. A vibração e energia, aliás, têm

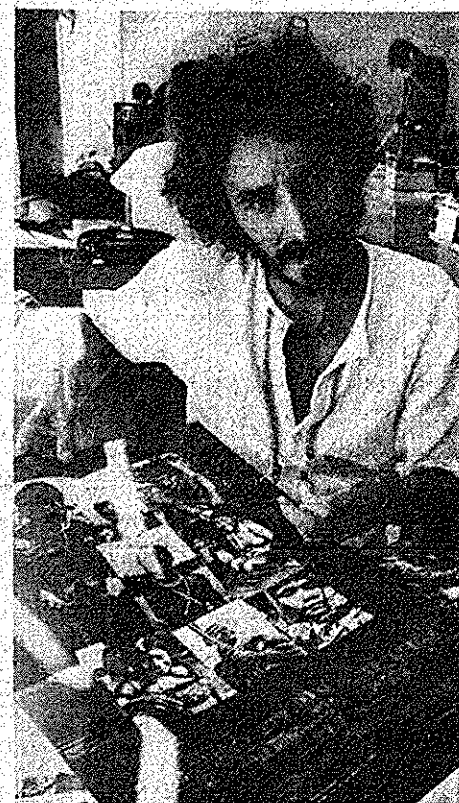
uma participação fundamental no trabalho do artista". Tudo é vibração. Ela é uma presença em todas as coisas que você faz, por enormes que sejam. Por isso, dentro do meu processo de vida, tento encontrar um ponto de equilíbrio entre a mente e o espírito".

A vibração está presente ainda nos "rituais" comandados por Bené, que têm um caráter particular e costumam ser feitos em pequenos grupos de amigos. "Os rituais são uma celebração de amor à terra. Neles eu uso elementos da natureza estabelecendo um trabalho de magia, uma forma de integração do homem a seu ambiente natural. Porque o homem faz parte da natureza, apesar de estar se afastando tanto dela".

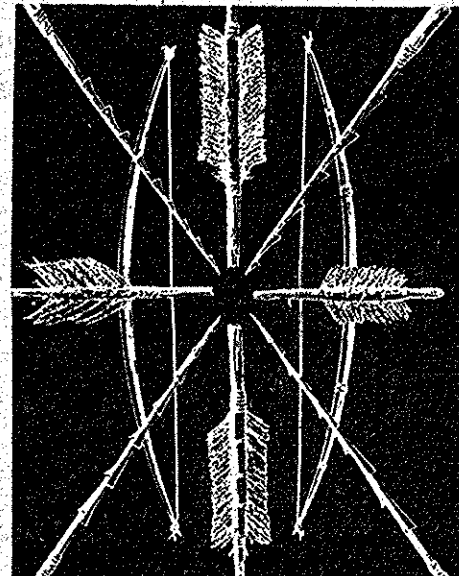
O índio, sua preocupação primeira, é, segundo Bené Fonteles, a natureza em sua forma mais pura. "Mas é uma pureza que ele está perdendo aos poucos, por causa do processo de aculturação. Esse processo, eu sei, é irreversível, mas ele deveria ser, pelo menos, mais lento, de uma forma mais humana. Veja o que está acontecendo com os índios caiubis em Mato Grosso, por exemplo. Querem construir uma hidrelétrica onde existe uma cachoeira que, para eles, é sagrada; os valores deles, herdados dos deuses e da natureza, não estão sendo respeitados".

Para Bené, a arte tem que ser exercida acima de tudo com muita emoção. Emoção que ele traduz em versos, traços, música, nos passos de andarilho que percorre cidades e estradas divulgando a ideia de um amor fraterno às coisas da natureza. A vinda a Brasília, o lançamento do cartaz e o audiovisual estão dentro dessa proposta de consciência e participação. "Dentro desse mês que se discute a questão indígena, eu quero mostrar que somos todos índios de uma mesma tribo, que é a terra. Uma ecologia universal e espiritual, algo que não se aliena. Eu gostaria que as pessoas se tocassem com a relação que elas têm com vida. Preservar e amar a terra é uma questão de amor próprio".

No cartaz, explicando o seu sentimento de vibração em relação à vida, Bené cita "o anjo torto Torquato": **sou como um vidente e vivo tranquilamente todas as horas do fim**, e explica que não há fim nem começo, "a morte como a vida são só uma energia princípio e fim fundidos numa só vibração". Olhos no futuro; Bené acredita no retorno do homem à natureza.



Bené Fonteles lança cartaz na Funarte



A arte natural dos objetos indígenas